

Black is King: ressignificando a África através da arte e cultura

Thais Ribeiro Santos

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: rsthaais@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0121-6748>

Alison Raimundo Sousa Cunha

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: alison.slz8884@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3997-1996>

Neliane da Silva Mesquita Mulato

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: nelianemulato@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3463-5731>

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: marcelo.nicomedes@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9715-2099>

Resumo: Historicamente, as representações da África e da negritude no imaginário ocidental foram moldadas por visões eurocêntricas que perpetuam estereótipos negativos, distorcidos e simplistas. Desde o período colonial, a África foi retratada como um continente sem história, cultura ou civilização, reduzido a imagens de selvageria e subdesenvolvimento. Essas narrativas foram reforçadas por discursos acadêmicos, literários e midiáticos, influenciando tanto a maneira como as pessoas de ascendência africana são percebidas quanto à forma como percebem a si mesmas. Diante disso, este artigo analisa o filme *Black is King* (2020), de Beyoncé, como uma poderosa ferramenta de ressignificação da representação da África e da diáspora africana. A obra oferece uma nova narrativa que celebra a ancestralidade, a cultura e a estética africana, contrastando com estereótipos negativos e imagens subalternas historicamente construídas pelo colonialismo e perpetuadas na mídia ocidental. Utilizando uma abordagem interdisciplinar, este estudo explora como a produtora do filme reconstrói a identidade africana por meio de símbolos visuais e musicais que exaltam a beleza, o poder e a diversidade do continente. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, baseada na literatura existente sobre o tema. Entre os autores utilizados estão Sílvio de Almeida (2019), Gilberto Freyre (2006), Stuart Hall (1997), Sérgio Buarque de Holanda (1995), Pierre Verger (1985), entre outros. Assim, este artigo evidencia como *Black is King* desafia as narrativas coloniais e eurocêntricas ao propor uma reconexão com a identidade africana, utilizando a arte como um meio de reconstrução e valorização da herança cultural.

Palavras-chave: *Black is King*; Ressignificação; Cultura Africana; Identidade

Black is King: re-signifying Africa through art and culture

Abstract: Historically, representations of Africa and Blackness in the Western imagination have been shaped by Eurocentric perspectives that perpetuate negative, distorted, and simplistic stereotypes. Since the colonial period, Africa has been portrayed as a continent without history, culture, or civilization, reduced to images of savagery and underdevelopment. These narratives were reinforced by academic, literary, and media discourses, influencing both how people of African descent are perceived and how they perceive themselves. In this context, this article analyzes the film *Black is King* (2020) by Beyoncé as a powerful tool for re-signifying the representation of Africa and the African diaspora. The film offers a new narrative that celebrates African ancestry, culture, and aesthetics, contrasting with negative stereotypes and subaltern representations historically constructed by colonialism and perpetuated in Western media. Using an interdisciplinary approach, this study explores how the film's producer reconstructs African identity through visual and musical symbols that exalt the beauty, power, and diversity of the continent. The methodology employed was bibliographic research based on existing literature on the subject. Among the authors referenced are Sílvia de Almeida (2019), Gilberto Freyre (2006), Stuart Hall (1997), Sérgio Buarque de Holanda (1995), Pierre Verger (1985), and others. Thus, this article highlights how *Black is King* challenges colonial and Eurocentric narratives by proposing a reconnection with African identity, using art as a means of reconstructing and valuing cultural heritage.

Keywords: *Black is King*; Re-signification; African Culture; Identity.

Black is King: Resignificando a África a través del arte y la cultura

Resumen: Históricamente, las representaciones de África y la negritud en el imaginario occidental han sido moldeadas por visiones eurocéntricas que perpetúan estereotipos negativos, distorsionados y simplistas. Desde la época colonial, África ha sido retratada como un continente sin historia, cultura ni civilización, reducido a imágenes de salvajismo y subdesarrollo. Estas narrativas han sido reforzadas por discursos académicos, literarios y mediáticos, influyendo tanto en la percepción de las personas de ascendencia africana como en la forma en que se ven a sí mismas. Ante esto, este artículo analiza la película *Black is King* (2020) de Beyoncé como una poderosa herramienta de resignificación de la representación de África y su diáspora. La obra ofrece una nueva narrativa que celebra la ancestralidad, la cultura y la estética africana, contrastando con los estereotipos negativos y las imágenes subalternas históricamente construidas por el colonialismo y perpetuadas en los medios occidentales. Desde un enfoque interdisciplinario, el estudio explora cómo la productora del filme reconstruye la identidad africana a través de símbolos visuales y musicales que exaltan la belleza, el poder y la diversidad del continente. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica, basada en la literatura existente sobre el tema. Entre los autores de referencia se encuentran Sílvia de Almeida (2019), Gilberto Freyre (2006), Stuart Hall (1997), Sérgio Buarque de Holanda (1995) y Pierre Verger (1985), entre otros. Así, este artículo evidencia cómo *Black is King* desafía las narrativas coloniales y eurocéntricas al proponer una reconexión con la identidad africana, utilizando el arte como un medio de reconstrucción y valorización del legado cultural.

Palabras clave: *Black is King*; Resignificación; Cultura Africana; Identidad



INTRODUÇÃO

A arte desempenha um papel fundamental na expressão e na construção da identidade cultural, e sua importância é especialmente evidente quando se trata de temas relacionados à diáspora negra e à representação da África. Através de diversos meios artísticos—como pintura, escultura, música, dança e cinema — artistas têm a capacidade de refletir, reinterpretar e desafiar narrativas culturais estabelecidas, oferecendo novas formas de ver e entender a experiência africana e afrodescendente.

Black is king, de Beyoncé, é um exemplo notável de como a arte pode reconfigurar a representação da África. O filme utiliza uma rica tapeçaria de elementos visuais e musicais para criar uma narrativa que celebra a herança cultural africana. Por meio de figurinos vibrantes, cenários deslumbrantes e coreografias envolventes, a obra oferece uma visão positiva e empoderadora da cultura africana, contrastando com as representações estereotipadas e negativas que são perpetuadas na mídia ocidental.

No filme, é mostrada a jornada de um príncipe africano que, ao ser separado de sua família, embarca em uma caminhada de autodescoberta. O seu caminhar é guiado por figuras espirituais que ajudam a entender sua ancestralidade, combinando sequência de dança, moda e cenários do próprio continente que exaltam a beleza, a força e a diversidade da herança africana. *Black is King* é usado para destacar a diversidade do continente africano com a ajuda de cantores, designers, dançarinos e diversos artistas, proporcionando uma comunicação de unidade para a comunidade negra no mundo.

Este artigo concentra-se em “Como acontece a ressignificação da África através da arte e cultura? E como essas representações são mostradas na cultura africana e no mundo? A ressignificação da África através da arte e da cultura é um processo dinâmico que envolve a desconstrução de narrativas preconceituosas e a celebração da riqueza e complexidade das identidades africanas. Mediante a uma série

de expressões artísticas e culturais, artistas e criadores estão contribuindo para uma nova visão da África, uma que é simultaneamente ancorada na tradição e voltada para o futuro.

Dessa forma, o objetivo é analisar como o filme visual *Black is king*, dirigido por Beyoncé, contribui para a desconstrução de estereótipos e para a revalorização da identidade africana e da diáspora negra, utilizando de elementos artísticos e culturais que promovem uma nova representação da África, destacando sua riqueza cultural, espiritualidade, e a importância da ancestralidade na formação da identidade negra contemporânea.

Trata-se de uma análise qualitativa, pretendo assim explorar a partir da literatura existente questões relacionadas ao tema, considerando para isso os autores que tratam sobre a cultura negra. Logo, para a exploração do assunto, foram utilizados os autores Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Stuart Hall, Chimamanda Adichie e outros autores que tratam especificamente da temática. A coleta de dados foi feita por meio de livros, artigos e recortes do filme, concomitantemente às próprias produções de conhecimentos, que foram possíveis chegar ao final desta pesquisa.

Para a realização do presente trabalho, tem-se um tópico que será tratado especificamente da sinopse do filme, a descrição detalhada do filme permitirá uma compreensão mais profunda de como a arte cinematográfica é utilizada para redefinir a imagem da África. Posteriormente será realizado um estudo da imagem do negro na sociedade, esta seção examinará como as imagens e estereótipos associados à negritude foram moldados e perpetuados ao longo do tempo e, por fim, a análise de cenas específicas de *Black is King*, com foco em como essas partes contribuem para a ressignificação.

BLACK IS KING - SINOPSE



Black is King é um filme visualmente deslumbrante e multifacetado, dirigido e produzido por Beyoncé Knowles-Carter, que estreou em 2020. O filme é descrito como um "visual álbum" e serve como uma celebração da cultura africana e da diáspora africana, inspirado pelo álbum *The Lion King: The Gift*, que Beyoncé lançou como parte da trilha sonora do *remake live-action* de *O Rei Leão*. Segundo Roza:

O álbum visual é composto por 14 videoclipes: Bigger, Find Your Way Back, Don't Jealous Me, Scar, Nile, Mood 4 Ever, Don't Forget, Already King, Water, Brown Skin Girl, Kingdom, Otherside, Power e Spirit. Apenas o último foi lançado em 2019, mas ganhou outras cenas em *Black is King*, que foram misturadas ao videoclipe. (Roza, 2022, p. 225)

O filme começa com uma introdução que estabelece um contexto mítico e ancestral. A narrativa é inspirada em contos africanos e tradições orais, misturando elementos de mitologia com uma história moderna. O protagonista, representado por um jovem africano, é colocado em uma jornada simbólica que reflete a ascensão, o legado e a herança cultural. A história é apresentada como uma saga épica que explora temas de identidade, liderança e conexão ancestral.

A narrativa é dividida em capítulos que retratam a jornada do protagonista desde a infância até a maturidade, simbolizando o crescimento e a autodescoberta. Cada capítulo é visualmente distinto e é marcado por uma fusão de tradições africanas com elementos contemporâneos. O personagem principal enfrenta desafios e obstáculos, mas também encontra aliados e mentores que o ajudam a se conectar com sua verdadeira identidade e a entender o seu legado.

Black is King é notável por seu uso inovador de elementos visuais e musicais. O filme apresenta cores vibrantes, figurinos elaborados e cenários impressionantes que refletem a diversidade e a beleza das culturas africanas. A trilha sonora, que inclui músicas do álbum *The Gift*, desempenha um papel crucial, acompanhando a narrativa com uma mistura de ritmos africanos, R&B, e música pop. As músicas são entrelaçadas com a história para enfatizar temas de empoderamento e celebração cultural.

Os temas centrais de *Black is King* incluem o empoderamento, a conexão com as raízes ancestrais e a celebração da identidade negra, usando o simbolismo africano, como máscaras, danças e rituais, para representar a espiritualidade e a força das tradições culturais. A história também aborda a ideia de liderança e a importância de reconhecer e honrar o próprio legado e identidade. A mensagem final é uma afirmação de orgulho, resiliência e beleza. O protagonista, agora plenamente consciente de seu poder e herança, retorna para seu reino, pronto para assumir seu lugar como líder e inspirar sua comunidade.

ECOS DO PASSADO E PRESENÇAS NO PRESENTE: A IMAGEM DO NEGRO E DA ÁFRICA NA SOCIEDADE ATUAL

*Ah, você é parte de algo muito maior
Maior que você, maior que nós
Maior que a imagem que eles nos moldaram para ver.*
- Bigger, 2019.

A imagem do negro na sociedade é um campo complexo, moldado por séculos de histórias, estereótipos e representações culturais. Durante o período colonial, a África e seus povos foram frequentemente representados de maneira pejorativa, caracterizados como selvagens, primitivos e inferiores. Essas representações contribuíram para a marginalização e a desumanização dos negros, perpetuando ideias de inferioridade racial e cultural. O estigma associado à cor negra foi amplificado por um conjunto de narrativas que serviram para justificar a exploração e a opressão colonial.

No contexto das representações históricas, a visão europeia sobre a cor negra esteve frequentemente marcada por preconceitos profundos e distorcidos. Segundo Cohen (1980, *apud* Aparecida dos Santos), os europeus, durante o período colonial, viam o preto como uma "marca do mal e da depravação humana." Essa perspectiva refletia e reforçava ideologias racistas que associavam a cor negra a



características negativas e desumanizantes. A cor negra era frequentemente vista como uma anomalia que perturbava a ordem e a moralidade estabelecidas pela visão eurocêntrica do mundo.

Além disso, a associação entre a cor negra e o mal tem raízes profundas na história do cristianismo e em várias tradições culturais e religiosas. Conforme Giarola (2018, p. 415), desde a antiguidade, a cor negra foi frequentemente associada a figuras demoníacas e ao conceito de mal. Essa representação de figuras demoníacas com pele negra não era meramente uma questão estética, mas uma construção cultural que reforçava a ideia de que a cor negra estava associada a aspectos malignos e demoníacos. Tal visão ajudou a moldar e perpetuar estereótipos que associam a cor negra a características negativas, desumanizando e marginalizando os indivíduos de pele negra.

Ao pensar numa perspectiva pós-colonialismo, os conceitos que moldam a percepção da África frequentemente perpetuam uma violência discursiva persistente. São visões que retratam o continente como um lugar de morte, de pessoas desamparadas em constante sofrimento e que sempre precisam de ajudas externas. No livro “O perigo de uma história única”, a escritora nigeriana Chimamanda diz que uma “história única” reduz as pessoas e os lugares a uma única narrativa, ignorando a complexidade e a diversidade das experiências, trazendo uma imagem de um continente que sempre está à beira do colapso, como ela afirma:

O que me impressionou foi: ela já sentia pena de mim antes de me conhecer. Sua postura preestabelecida em relação a mim, como africana, era uma espécie de pena condescendente e bem-intencionada. Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única, não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais. (Adichie, 2019, p. 9)

Ainda sobre essa visão reducionista, Munanga (2023) destaca duas expressões que moldam a maneira como o continente é compreendido: “na África tudo

é a mesma coisa" e "na África tudo é diferente". A primeira visão é problemática porque apaga as particularidades e a riqueza cultural de cada região, perpetuando estereótipos e simplificações que desvalorizam a diversidade do continente, já a segunda, embora reconheça a diversidade, essa perspectiva pode ser usada para deslegitimar a ideia de uma identidade africana compartilhada, subestimando os laços comuns de história, resistência ao colonialismo e interações culturais que existem entre os diferentes povos africanos.

Holanda (1995) diz que em tempos coloniais a presença do negro era de muita importância no desenvolvimento dos latifúndios, visando o progresso dessas grandes propriedades agrícolas, em atividades como extração de recursos naturais, caça e pesca, criação de gados e entre outras atividades. No contexto do Brasil, a influência da cultura negra é inegável, se reflete em diversos aspectos da vida cotidiana, desde a culinária até a música, passando por práticas religiosas e costumes sociais. De acordo com Gilberto Freyre:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado (Freyre, 2006, p.36)

Diante dessas afirmações, nota-se que a cultura negra possui um rico mosaico de tradições, história e expressões. Logo, o filme *Black is king* apresenta muito bem essa herança e um testemunho do impacto duradouro dos negros. Existe uma poderosa ferramenta de resistência cultural e afirmação identitária, que proporciona um espaço onde as comunidades negras podem se ver refletidas de maneira positiva e, ao mesmo tempo em que criam novas realidades que transcendam as limitações impostas pela história colonial, chamado de afrofuturismo, segundo Anchieta:

O Afrofuturismo é um movimento estético global, intelectual, um conceito transdisciplinar que combina afrocentrismo, fantasia, tecnologia, religião,

espiritualidade, arte, cinema, literatura, música, moda e diversas outras formas de expressão, para desafiar as representações colonizadoras sobre África, através de uma perspectiva afrocentrada que imagina e propõe um passado, presente e futuro da experiência negra na diáspora (Anchieta, 2021, p.34).

O filme é repleto de muitas referências culturais africanas, reunindo divindades e tradições de diversos locais. Além disso, trazendo questões que, dificilmente, vão ser associados ao negro, por exemplo, poder, fama, amor, autocuidado, etc. Os vestuários, cuidadosamente escolhidos, as modelagens dos trajes pensadas para promover um sentido de pertencimento, as cores que carregam significados profundos e simbólicos, por fim, a montagem dos cenários elaborada para criar ambientes que representam espaços dignos para o grupo, permitindo que eles se vejam em contextos positivos e empoderadores.

ENTRE IMAGENS E SIGNIFICADOS: ANÁLISE DAS SEQUÊNCIAS DE *BLACK IS KING*

Neste trabalho, a análise do discurso será utilizada como uma ferramenta para compreender as camadas de significados presentes nas imagens e narrativas do filme *Black is King*. A análise do discurso, que investiga as interações entre linguagem, poder e ideologia, nos permitirá explorar como os elementos visuais e sonoros do filme constroem e ressignificam a identidade negra e a ancestralidade africana. Para isso, será necessário entender os conceitos centrais dessa abordagem teórica, incluindo a memória discursiva, essencial para contextualizar as representações presentes na obra.

Orlandi (2015) nos convida a entender o discurso como um trabalho simbólico, que não apenas expressa ideias, mas também desempenha um papel fundamental na constituição do ser humano e na construção de sua história. Nesse sentido, a análise do discurso vai além da mera descrição do que é dito; ela busca desvendar as relações de poder, as identidades e as ideologias que estão presentes nas

interações linguísticas. Essa abordagem permite compreender como os sujeitos se posicionam e como suas vozes são moldadas por contextos sociais, culturais e históricos.

O ato interpretativo é um elemento central que permeia a análise das sequências do filme *Black is King*. Ao longo da pesquisa, a interpretação não se limita a descrever o que é visualmente apresentado, mas busca compreender como os significados são construídos e ressignificados a partir do contexto cultural e social em que a obra está inserida. Cada cena descrita carrega um peso simbólico que remete a narrativas históricas, memórias coletivas e identidades afro centradas. Sendo assim, a análise do discurso envolve um processo intrincado que reconhece a profunda interconexão entre interpretação e descrição, como afirma Orlandi:

a. em um primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte do objeto da análise, isto é, o sujeito que fala interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise; b. em um segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação. Por isso é necessário introduzir-se um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista com os objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição coma interpretação (Orlandi, 2015, p. 60).

Em relação à memória, ela desempenha um papel central na Análise do Discurso, pois está diretamente ligada à maneira como os discursos são produzidos, circulam e se transformam ao longo do tempo. Na perspectiva discursiva, a memória não é apenas o ato individual de recordar, mas uma construção social e histórica que influencia a produção de sentido em diferentes contextos. Davallon (1999) diz que a memória só se forma quando algo – um acontecimento ou um conhecimento – deixa de ser irrelevante e passa a ter significado. Para que algo seja lembrado, ele precisa manter uma força que permita causar uma impressão duradoura nas pessoas.

No caso de *Black is King*, essa perspectiva permite analisar como as sequências visuais e sonoras não apenas comunicam significados, mas também

interagem com narrativas históricas e sociais, ativando memórias discursivas que desafiam estereótipos e promovem um sentido de identidade e pertencimento. Assim, a análise do discurso, ao considerar a linguagem como parte integrante da construção da história e da subjetividade humana, se torna uma ferramenta poderosa para decifrar os modos como Beyoncé, por meio de sua obra, articula uma nova narrativa que celebra a riqueza e a complexidade da cultura negra.

Assim como muitos outros trabalhos culturais, *Black is King* pode ser analisado criticamente para entender como suas representações se alinham ou divergem das realidades históricas e culturais que pretende exaltar, a análise das cenas revela nuances importantes sobre a representação da África e da diáspora africana. O filme se destaca por sua estética deslumbrante e sua narrativa poderosa, mas também é essencial avaliar como ele apresenta e ressignifica os temas de identidade e ancestralidade africana, e como essas representações podem ser interpretadas através de uma lente crítica.

Desse modo, será possível observar como a produção utiliza símbolos visuais e elementos culturais para construir uma nova narrativa sobre a identidade negra. Essas representações podem ser contrastadas com teorias e perspectivas críticas que discutem a construção de identidade e a representação cultural. Assim, a análise realizada traz descrições de algumas cenas do filme, fazendo um contraponto com teóricos que abordam o tema, para oferecer uma compreensão mais profunda de como *Black is King* contribui para a construção de narrativas sobre a cultura africana e afrodescendente.

O SIMBOLISMO DA ÁGUA E DA NATUREZA NAS PRIMEIRAS CENAS DE *BLACK IS KING*



No início do filme, Beyoncé apresenta a música “Bigger”, explorando temas de autoconfiança, legado e espiritualidade. A artista fala sobre propósito e pertencimento, encorajando os ouvintes a reconhecerem seu próprio valor e seu lugar no mundo. Além disso, a música aborda a ideia de propósito e legado, indicando que cada pessoa é responsável por carregar adiante a herança de seus antepassados.

Isso traz uma dimensão de continuidade histórica, onde o presente é visto como uma extensão do passado e um prelúdio do futuro, com o indivíduo se tornando um elo crucial nessa corrente. Ao fazer isso, Beyoncé evoca um sentimento de pertencimento a uma linhagem real e espiritual que desafia as narrativas coloniais que buscaram apagar ou minimizar essa herança.

A Análise do Discurso permite compreender essa cena não apenas como uma manifestação estética, mas como um ato discursivo que ressignifica memórias históricas e culturais. Pois, seguindo os estudos pecheutianos, os discursos são atravessados por formações ideológicas e não podem ser interpretados isoladamente, pois carregam memórias discursivas – enunciados já ditos que continuam a influenciar a produção de sentido no presente. Essa noção dialoga diretamente com Orlandi (2015, p. 43), quando afirma que:

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca

Acompanhando a música, no cenário é notada a presença do elemento água, que, segundo os autores Mandarino e Gomberg (2009, p. 145), possui um papel crucial em ritos de nascimento, iniciação e morte. Vale pontuar que para as



comunidades negras africanas antes da colonização, o mar e a natureza não eram apenas recursos a serem explorados, mas parte integrante de sua existência e identidade. Eles viam o mundo natural como um sistema interconectado de vida, onde o respeito e a harmonia eram essenciais para a sobrevivência e o bem-estar. A colonização, com sua exploração intensiva e frequentemente destrutiva dos recursos naturais, perturbou esses sistemas harmoniosos e teve impactos duradouros nas culturas e sociedades africanas.

Na cena, em específico 2 minutos e 57 segundos, a produtora americana aparece com um vestido branco, de acordo com Almeida (2020) essa cor faz referência aos ancestrais, seguindo a crença Zulu, que habitam no mar. É possível identificar que no figurino, há elementos que trazem um enfoque na feminilidade, ao deixar acentuado os bustos e as pernas. Além disso, é notório que está acontecendo um ritual para purificar, proteger e abençoar o recém-nascido, bem como para introduzi-lo ao mundo de maneira segura.

Essa prática de defumação dentro da religião de matriz africana Umbanda, conforme o texto de Rainho (2015), proporciona uma ligação com a natureza, utilizando ervas selecionadas conforme a finalidade da purificação, que pode ser tanto para remover quanto para prevenir a influência de energias negativas externas. A pessoa que está realizando a defumação pode ser compreendida como um guia espiritual que também utiliza vestes brancas com detalhes dourados.

REPRESENTAÇÕES DE RIQUEZA E RESISTÊNCIA: A REFERÊNCIA A *UM PRÍNCIPE EM NOVA YORK*

Na cena que ocorre entre os minutos 25:19 e 32:00 do filme, é possível observar a riqueza que remete diretamente ao clássico cinematográfico *Um Príncipe em Nova York*, lançado em 1988. A escolha de fazer referência a este filme não é acidental;



ela se insere em uma memória discursiva que ressignifica narrativas anteriores sobre a representação de pessoas pretas na mídia.

Achard (1999) utiliza a metáfora da arqueologia para destacar que a Análise do Discurso não trabalha apenas com enunciados isolados no presente, mas com um conjunto de discursos já proferidos e que continuam a influenciar novas produções discursivas. Ou seja, os discursos do passado não apenas ecoam no presente, mas também orientam a maneira como novas representações são construídas e interpretadas. Assim, ao evocar *Um Príncipe em Nova York*, a cena mobiliza uma memória discursiva específica sobre o imaginário da realeza e da prosperidade negra, contrastando com os discursos historicamente predominantes que associam pessoas pretas à marginalidade e à pobreza. Stuart Hall argumenta que:

os estereótipos se apossam das características mais 'simples, vívidas, memoráveis, de fácil apropriação e amplamente reconhecidas' sobre uma pessoa, reduzem tudo sobre a pessoa a essas características, exageram e simplificam-nas sem mudança e desenvolvimento para a eternidade. [...] O primeiro ponto é – os estereótipos reduzem, essencializam, naturalizam e fixam a 'diferença'. Em segundo lugar, os estereótipos implantam uma estratégia de 'divisão'. Eles dividem o que é normal e aceitável daquilo que é anormal e inaceitável. Em seguida, eles excluem ou expõem tudo o que não se encaixa (Hall, 1997, p. 258).

A cena em questão desafia precisamente esse processo descrito por Hall. Ao destacar personagens pretos em um ambiente de luxo e prosperidade, ela contrasta com as representações estigmatizantes comuns na mídia e rompe com a prática de "fechamento" e exclusão mencionada pelo autor. Essa abordagem não apenas desafia estereótipos, mas também amplia o imaginário cultural ao mostrar pessoas pretas em posições de destaque e celebração.

Ao referenciar *Um Príncipe em Nova York*, a cena contemporânea reforça a importância de representações mais ricas e justas, continuando a luta por uma maior diversidade no cinema. A celebração da riqueza, portanto, é retratada como uma poderosa afirmação de identidade e resistência cultural, desafiando as "grandes desigualdades de poder" onde os estereótipos geralmente se perpetuam. A memória



discursiva do cinema, que por décadas reforçou o imaginário da subalternização da população negra, é tensionada e deslocada aqui para um novo espaço de afirmação e resistência cultural.

MULHERES NEGRAS EM DESTAQUE: REALEZA E RESISTÊNCIA

Visando exaltar a beleza da mulher negra, nos minutos 51 e 40 segundos, em uma sala é possível notar Beyoncé com sua filha Blue Ivy e outras mulheres famosas, com vestimentas em tons suaves e a maquiagem discreta ressaltam a beleza "natural" das mulheres negras, representando a diversidade de forma que também transmite sensualidade, delicadeza e luxo, oferecendo assim uma perspectiva que reconhece a força feminina, destacando mulheres que, diariamente, enfrentam batalhas por aceitação e reconhecimento.

Ao situar essas mulheres em um contexto de realeza e empoderamento, a cena subverte as representações tradicionais que frequentemente relegam as mulheres negras a papéis subalternos e invisibilizados, pois, segundo Silvio Almeida:

Mulheres negras são consideradas pouco capazes porque existe todo um sistema econômico, político e jurídico que perpetua essa condição de subalternidade, mantendo-as com baixos salários, fora dos espaços de decisão, expostas a todo tipo de violência. Caso a representação das mulheres negras não resultasse de práticas efetivas de discriminação, toda vez que uma mulher negra fosse representada em lugares subalternos e de pouco prestígio social haveria protestos e, se fossem obras artísticas, seriam categorizadas como peças de fantasia (Almeida, 2019, p.43)

No entanto, essa representação de poder e beleza contrasta fortemente com as realidades de opressão que muitas mulheres negras enfrentam diariamente. Historicamente, as mulheres negras têm sido submetidas a uma forma única de opressão que combina racismo e sexismo, conhecida como misoginia racial. Elas são frequentemente vistas como menos dignas, menos femininas e menos capazes, uma

visão reforçada por sistemas sociais, econômicos e políticos que as mantêm em posições de vulnerabilidade.

A cena serve como outra narrativa, oferecendo uma visão onde as mulheres negras são vistas em toda a sua dignidade e esplendor. Ao destacar essas figuras em um ambiente de poder e beleza, o filme promove uma revalorização da mulher negra, desafiando os sistemas opressivos que buscam limitar seu potencial e silenciar suas vozes. Assim, Beyoncé apresenta a estética da mulher negra, mas também reivindica seu lugar no mundo como uma líder, uma rainha, e um símbolo de resistência e resiliência.

Além disso, desloca discursos historicamente cristalizados que associam a mulher negra à marginalização, reposicionando-a em uma narrativa de poder e centralidade. No campo discursivo, a subalternização das mulheres negras é sustentada por formações ideológicas que determinam seus sentidos de existência dentro da sociedade. Como explica Orlandi (2005, p. 43), "os sentidos sempre são determinados ideologicamente", ou seja, as representações não são neutras, mas carregam as marcas de uma estrutura de poder que naturaliza a exclusão dessas mulheres dos espaços de prestígio.

AS DIVINDADES AFRICANAS EM CENA

Durante o filme, são representados em diversos momentos orixás, divindades da religião iorubá que desempenham um papel central na espiritualidade africana. Esses orixás são numerosos e variados, refletindo a diversidade e a complexidade da própria religião iorubá. Como Pierre Verger aponta em seu livro "Orixás", a religião dos iorubás não surgiu como uma tradição homogênea. Segundo o autor:

Léo Frabênus é o primeiro a declarar, em 1910, que a religião dos iorubás, tal como se apresenta atualmente, só gradativamente tornou-se homogênea. Sua



uniformidade é o resultado de adaptações e amálgamas progressivos de crenças vindas de várias direções. Atualmente, setenta anos depois, ainda não há, em todos os pontos do território chamado Iorubá, um panteão dos Orixás bem hierarquizado, único e idêntico (Verger, 1985, p. 2).

A representação de Iemanjá no filme é apresentada na cena em 44 minutos e 17 segundos. Beyoncé está vestida com um vestido branco, boiando nas águas, com acessórios de pérolas brancas na cabeça, características que remetem ao orixá. Assim como é descrito por Verger:

Seu axé é assentado sobre pedras marinhas e conchas, guardadas numa porcelana azul. O sábado é o dia da semana que lhe é consagrado, juntamente com outras divindades femininas. Seus adeptos usam colares de contas de vidro transparentes e vestem-se, de preferência, de azul-claro. Fazem-lhe oferendas de carneiro, pato e pratos preparados à base de milho branco, azeite, sal e cebola. Na dança, suas iaôs imitam o movimento das ondas, flexionando o corpo e executando curiosos movimentos com as mãos, levadas alternadamente à teste e à nuca, cujo simbolismo não chegamos a identificar. Manifestada em suas iaôs, Iemanjá segura um abano de metal branco e é saudado com gritos de: “Odò Ìyá!!!” (Mãe do rio) (Verger, 1985, p. 69).

Assim, as vestimentas e os visuais no filme não só reverenciam a figura de Iemanjá, mas também reforçam a conexão profunda entre identidade cultural e espiritualidade africana, apresentando-a de forma musical.

Outro momento em que é visto a representação de um orixá é no minuto 36 e 55 segundos, o “Obalúayé (Rei Dono da Terra) ou Omolu (Filho do Senhor) são os nomes geralmente dados a Sànpònná, deus da varíola e das doenças contagiosas, cujo nome é perigoso ser pronunciado” (Verger, 1985, p. 75). No filme, ele é representado com vestimenta de palha acima de um carro, assim como é descrito por Verger para representação do orixá “Seus iaôs dançam inteiramente revestidos de palha da costa. A cabeça também é coberta por um capuz da mesma palha, cujas franjas recobrem seu rosto” (Verger, 1985, p. 80).

A REPRESENTAÇÃO DO BAOBÁ COMO SÍMBOLO CULTURAL E ESPIRITUAL EM *BLACK IS KING*



Nas cenas finais do filme, por volta de 1:16:51, é apresentada uma cena simbólica: uma árvore coberta por fios de lã, com Beyoncé posicionada à sua frente e pessoas dispostas em duas fileiras deitadas no chão. Este momento visualmente marcante tem uma representação cultural e simbólica que pode ser comparada ao significado da árvore baobá, uma figura central em muitas culturas africanas.

O baobá, conhecido como a "Árvore da Vida", conforme apresentado na lenda "A Árvore de Cabeça para Baixo", da Costa do Marfim: "Nos primórdios da vida, o Criador fez surgir tudo no mundo. Ele criou primeiro o baobá, e só depois continuou a fazer tudo a existir" (Lima; Gneka; Lemos, 2005, p. 14).

Na cena descrita, a árvore coberta por fios de lã simboliza o baobá, representando proteção e aconchego. A posição de Beyoncé em frente à árvore destaca liderança e reverência, enquanto as pessoas deitadas em fileiras representam uma conexão com a ancestralidade e uma homenagem coletiva. O fio de lã reflete a interconexão das histórias e o suporte emocional, ressaltando a importância das raízes e tradições. Assim, a cena reflete temas de continuidade e comunidade, ressoando com o simbolismo do baobá como "o guardião de sentidos e significados endossados pelos povos da África, pelas suas sociedades e culturas, seus modos de ser, suas aspirações, expectativas de vida e religiosidade" (Waldman, 2012, p.225).

Dessa forma, é notória a preocupação em destacar a representação visual dos orixás, mas também reforçando a importância da espiritualidade e da ancestralidade na cultura africana, elementos centrais para a construção e preservação da identidade dos povos africanos e da diáspora. Através de cenas cuidadosamente construídas, ricas em simbolismo e marcadas por uma estética visual impactante, a produção articula uma narrativa que transcende o simples entretenimento. Ela convida o espectador a mergulhar em um universo de significados profundos, nos quais as tradições africanas são apresentadas como fontes de sabedoria, força e conexão com o passado.

Além disso, o filme promove uma valorização explícita das religiões de matriz africana, frequentemente marginalizadas ou estigmatizadas, e apresenta seus elementos espirituais como parte essencial da resistência cultural e da reafirmação identitária. A interseção entre música, dança, figurinos e elementos culturais cria uma obra que recontextualiza a herança espiritual africana no cenário contemporâneo. Nesse sentido, o filme atua como um manifesto visual e sonoro, resgatando narrativas que foram apagadas ou distorcidas pela colonização, enquanto reafirma a riqueza e a pluralidade das culturas africanas e afro-diaspóricas, tornando um espaço de preservação e celebração, onde a ancestralidade ganha vida e inspira novas gerações a valorizar e proteger essa herança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho utilizou cenas de *Black is King* como objeto de análise, concluindo que a obra de Beyoncé desempenha um papel fundamental na redefinição da imagem da África e na valorização da identidade negra. Por meio de uma estética visual rica e de uma narrativa poderosa, o filme apresenta um desafio aos estereótipos historicamente associados ao continente africano e constrói uma visão renovada, empoderadora e afirmativa da herança cultural africana.

A obra se posiciona como um importante vetor de resistência às narrativas hegemônicas, desafiando as perspectivas eurocêntricas que dominaram o imaginário ocidental por séculos. Ela cria espaços para uma leitura dignificante da África e de seus descendentes, enquanto convoca a memória coletiva de um passado glorioso, silenciado pela colonização e pelo racismo estrutural. As cenas analisadas revelam um uso intencional e estratégico de símbolos, referências culturais e artísticas que contextualizam a história e as tradições africanas, destacando valores de orgulho, força e resistência.

A escolha dos cenários, figurinos e estética visual é cuidadosamente planejada para ressaltar a grandiosidade e a diversidade da cultura africana, resgatando elementos históricos e culturais que remetem à majestade das civilizações africanas anteriores à colonização. Esse resgate da memória histórica não é apenas um gesto artístico, mas um ato político de reparação simbólica, que oferece ao público a possibilidade de enxergar a África como um continente vibrante, plural e essencial para a história global. Beyoncé, ao ativar essa memória coletiva, desafia a lógica colonial que marginalizou a narrativa afro-diaspórica, reposicionando a ancestralidade africana como fonte de orgulho, inspiração e conhecimento.

Outro aspecto central que emerge da análise é a capacidade do filme de convocar tanto africanos quanto membros da diáspora a se reconectarem com suas raízes e a afirmarem sua identidade com orgulho e autonomia. *Black is king* resgata uma história de reis e rainhas, de civilizações avançadas e de uma espiritualidade profunda que transcende o esquecimento imposto pela colonização, esse resgate reconstrói narrativas apagadas, mas também fortalece os laços identitários entre os descendentes da diáspora, permitindo que se apropriem de uma história que lhes foi negada.

Dessa forma, a obra não é apenas um espetáculo visualmente impressionante, mas um manifesto cultural e político que instaura um diálogo entre passado, presente e futuro. Ela ativa memórias ancestrais e convida a uma reflexão crítica sobre as narrativas dominantes que moldaram o imaginário ocidental acerca da África. O filme também desempenha um papel essencial na promoção de uma identidade negra global, enaltecendo a pluralidade e a riqueza das culturas africanas e afro-diaspóricas.

Diante da relevância desse tema, torna-se essencial dar continuidade às pesquisas nessa área, aprofundando o estudo das produções artísticas e culturais que desafiam narrativas hegemônicas e reafirmam a riqueza das identidades africanas e

afro-diaspóricas. Investigar a interseção entre arte, memória e resistência cultural para ampliar o conhecimento sobre essas expressões e contribuir para fortalecer o diálogo sobre a importância de uma representação justa, plural e dignificante no cenário global.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. **Memória e produção discursiva do sentido** In: ACHARD, P. et al. (Org.) *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia de Letras, 2019.

ALMEIDA, Ana Beatriz. **Black is King: Uma análise decolonial**. Aldeia Nagô, ago. 2020. Disponível em: <https://aldeianago.com.br/artigos/5/24177--black-is-king-uma-analise-decolonial-por-ana-beatriz-almeida>

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro). ISBN: 978-85-98349-74-9

ANCHIETA, Carolina. **Design Estratégico e o afrofuturismo na busca por uma moda decolonial sustentável**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Porto Alegre, 2021.

APARECIDA DOS SANTOS. Gislene. **Selvagens, Exóticos, Demoníacos. Ideias e Imagens sobre uma Gente de Cor Preta**. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, nº 2, 2002, pp. 275-289.

CARTER, Beyoncé. **Black is King**. EUA: Disney+, 2020. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/black-is-king/7daDvpFdBXPp>. Acesso em: 14 ago. 2024.

DAVALLON, Jean. **A imagem, uma arte de memória?**. In: ACHARD, Pierre, et al. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.



GIAROLA, Flavio Raimundo. O “demonio negro”: o negro nas representações religiosas e raciais da imprensa de São João del-Rei (1871-1889). **Revista de História: Juiz de Fora**, v. 24, n2, p. 413-429, 2018.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. Companhia de Letras: São Paulo 1995.

LIMA, Heloisa Pires; GNEKA, Georges; LEMOS, Mário. **A semente que veio da África**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2005.

MANDARINO, Ana Cristina; GOMBERG, Estélio. **Água e ancestralidade jeje-nagô: possibilidade de existências**. Bahia: Textos de História, vol. 17, nº 1, 2009.

MUNANGA, Kabengele. O conceito de africanidade nos contextos africano e brasileiro. IN: OLIVEIRA, Jurema (org.). **Africanidades e brasilidades: cultura e territorialidades**. Vitória, ES: EDUFES, 2023. 225 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2015.

WALDMAN, Maurício. **O Baobá na paisagem africana: singularidades de uma conjugação entre natural e artificial**. África, p. 223-235, 2012.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**. Salvador: Corrupio, 1985.

